

Bom dia a todos,

Depois da noite de celebração que vivemos ontem, onde pudemos honrar os 25 anos da AGEPOR e reconhecer aqueles que, com dedicação e visão, construíram esta casa comum, damos hoje lugar a um momento diferente. Um momento mais virado para o trabalho, para a análise partilhada, para a escuta atenta e para a antecipação de desafios que nos interpelam a todos.

Este segundo dia do Congresso é, por excelência, o espaço de reflexão activa. Não são apenas temas de conjuntura que aqui vamos abordar – são questões estruturantes, que determinam o posicionamento do nosso sector no mundo, que moldam o futuro dos nossos portos e da nossa economia marítima e que exigem pensamento estratégico, compromisso técnico e visão de longo prazo.

Começamos com um tema incontornável: a segurança.

Num mundo cada vez mais interdependente, onde a estabilidade já não é um dado adquirido, é fundamental discutir com profundidade a protecção dos fluxos marítimos, a defesa das infraestruturas críticas e o papel crescente da cooperação internacional na prevenção de riscos e ameaças. A segurança marítima deixou de ser uma questão circunscrita à Marinha, às Administrações Portuárias ou Alfandegárias – é hoje uma responsabilidade transversal, que envolve operadores e agentes económicos, entidades governamentais e parceiros internacionais.

Portugal, como plataforma atlântica, tem um papel que não pode ser menor. Somos parte de fronteiras externas da União Europeia. Somos nós que acolhemos, organizamos e fazemos circular cargas que vêm de todo o mundo. Somos um território exposto, mas também capacitado, com saber acumulado e com aliados.

A ameaça à segurança marítima é real e multifacetada. Pode assumir a forma de terrorismo, da pirataria, do crime organizado, das pressões migratórias desordenadas ou das novas vulnerabilidades tecnológicas. Exige, por isso, um novo entendimento. Exige articulação entre entidades civis e militares, coordenação entre países, clareza nas funções e nas prioridades, mas também uma cultura comum de prevenção.

Este primeiro painel trará seguramente contributos relevantes sobre como devemos encarar esses riscos, proteger os profissionais, as cadeias logísticas e garantir a continuidade operacional e comercial dos nossos portos e das nossas infraestruturas.

De seguida, com Pedro Reis, iremos olhar para o comércio mundial. Perceber para onde vão os mercados, como se estão a reorganizar as cadeias logísticas e o que isso implica para os portos e empresas portuguesas.

Vivemos tempos de encurtamento de circuitos, de realocização industrial, de procura por autonomia estratégica. A Europa questiona o seu modelo e os seus riscos de dependência. Os EUA caminham para um modelo mais proteccionista e de política industrial activa. A Ásia continua a expandir a sua esfera de influência.

Portugal, enquanto país pequeno e aberto, precisa de ter uma estratégia inteligente. Uma estratégia que potencie os nossos activos logísticos, que integre os Agentes de Navegação na criação de valor e que transforme os nossos portos em pontos-chave de redes comerciais internacionais.

Queremos saber: que portos queremos ter daqui a 10 ou 20 anos? Que papel queremos que Portugal tenha no abastecimento energético, na exportação de bens transformados, na ligação entre continentes?

É por isso que este dia é importante.

Teremos, depois, a honra e o gosto de contar com a presença do Senhor Secretário de Estado das Infraestruturas, Dr. Hugo Espírito Santo, que nos falará sobre o estado dos vários planos de investimento e sobre a política definida para o nosso sector, espelhada na Estratégia Portos 5+

Mais tarde, teremos também o privilégio de escutar uma leitura informada e contextualizada do mundo. A conferência de Nuno Severiano Teixeira desafia-nos a pensar a geoestratégia mundial e o lugar de Portugal nesse mapa em transformação.

Vivemos um tempo de realinhamentos e de tensões renovadas: o regresso de lógicas de bloco, a crescente centralidade do Indo-Pacífico, a instabilidade crónica no Sahel, a reposição de prioridades da China e dos Estados Unidos, a imprevisibilidade de conflitos no Médio Oriente e Europa de Leste.

Tudo isto afecta o comércio global. E quando o comércio muda, mudam as rotas, mudam os portos, mudam os modelos de negócio.

Portugal não pode ser apenas um corredor logístico. Deve ser – e tem condições para ser – um actor com agenda própria. Um país capaz de projectar a sua posição atlântica, de propor soluções, de afirmar parcerias e de se posicionar com utilidade no contexto euro-atlântico e euro-africano.

Este é o tempo certo para deixarmos apenas de acompanhar. Temos de começar a liderar. E para isso, precisamos de pensamento estratégico e vontade política.

E o encerramento não podia ser mais simbólico: vamos ter todas as Administrações Portuárias do país reunidos à mesma mesa. Um painel que é, ao mesmo tempo, ponto de situação, espaço de desafio de ideias e exercício de visão colectiva.

As questões são simples: como preparam os nossos portos o futuro? Que investimentos estão em curso? Quais são as prioridades estratégicas definidas? Como está a ser pensada a integração porto-cidade? Que desafios enfrentam os territórios que acolhem estas infraestruturas?

Embora as exigências urbanas e sociais – do planeamento urbano à habitação, do emprego à mobilidade – tenham de ser reconhecidas, importa afirmar com clareza que os portos não podem ser vistos como um corpo estranho às cidades.

Há que integrá-los plenamente na vida económica, cultural e ambiental das comunidades que os acolhem. A relação porto-cidade deve ser de compatibilidade e valorização mútua — porque os portos não servem apenas para movimentar carga, servem sobretudo para criar valor.

Não se trata de oposição entre mundos. Trata-se de desenhar uma nova convivência, com inteligência, sensibilidade e participação.

Este Congresso não é, naturalmente, um fim. É um ponto de partida para um novo ciclo de ideias, de convergência e de afirmação.

Ontem celebrámos com orgulho. Hoje queremos pensar com ambição, com humildade e com sentido de responsabilidade.

Agradeço a vossa presença, a vossa atenção e, sobretudo, a vossa vontade de construir connosco este futuro comum.

Desejo a todos um dia de debates frutuoso, com perguntas difíceis, respostas claras e ideias mobilizadoras.

Muito obrigado.